

RECENSÃO

Fernão Lopes — *História de Uma Revolução*. Primeira parte da *Crônica de El-Rei D. João I de Boa Memória*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1977, 570 pp.

Fernão Lopes é, sem sombra de dúvida, uma das figuras mais representativas do Humanismo em Portugal. Nomeado, em 1418, por D. Duarte, guarda das escrituras da Torre do Tombo, passou a desempenhar, com a carta de 19 de março de 1434, do mesmo monarca, a função de cronista-mor do Reino, ficando encarregado de "por em crônica as histórias dos reis que antigamente em Portugal foram, isso mesmo os grandes feitos e altos do mui virtuoso e de grandes virtudes el-rei meu senhor e padre, cuja alma Deus haja." (P. 5)

Tendo em vista, por conseguinte, a organização de uma ampla *Crônica de Portugal*, Fernão Lopes escreveu acerca dos reis portugueses da primeira e parte da segunda dinastia. Entretanto, esta obra não chegou completa até nossos dias, restando, sem se levantar dúvidas quanto à sua autoria, a *Crônica d'El-Rei D. Pedro*, a *Crônica d'El-Rei D. Fernando*, a primeira parte da *Crônica d'El-Rei D. João I*, que corresponde ao interregno de 1383-1385, e a segunda parte da mesma *Crônica*, que abrange o período que decorre de 1385 a 1411.

A presente edição, em volume quintuplo da coleção "Livros de Bolso Europa-América", traz um estudo de José H. Saraiva intitulado "Introdução à Leitura de Fernão Lopes". Para além das contribuições contidas na primeira parte desta "Introdução", com esclarecimentos de alguns aspectos que dizem respeito à vida e, em especial, à cultura de Fernão Lopes, José H. Saraiva preocupa-se, já na segunda parte, em desfazer alguns equívocos em torno da autoria de certas crônicas, entre as quais a *Crônica do Condestável Nuno Álvares Pereira*, atribuídas ao historiógrafo quatrocentista. Perece-nos válida, neste particular, a conclusão a que chegou o prefaciador, negando a Fernão Lopes a autoria da biografia do condestável e considerando "enxertos" os capítulos dessa *Crônica* transcritos na *Crônica d'El-Rei D. João I*. O conceito de plágio, corrente em nossos dias, inexistia como tal, no século XV. Assim, uma obra, depois de escrita, caía no domínio público e, como lembra J. H. Saraiva, podia ser utilizada pelo leitor de modo que melhor entendesse.

Outro aspecto importante da "Introdução" é o que diz respeito às fontes de Fernão Lopes. Muito se tem dito acerca da honestidade e da imparcialidade com que o historiógrafo quatrocentista se propôs a reconstituir a verdade histórica. Para atingir este objetivo, Fernão Lopes baseou-se nos acontecimentos documentados, desprezando quase por completo os relatos orais. José H. Saraiva distingue as fontes literárias e as arquivísticas, destacando entre as primeiras um tratado dos feitos do Mestre de Avis escrito por Christophorus, a *Crônica de D. Pedro I* de Pero López de Ayala e a *Crônica do Condestável*, transcrita quase que literalmente. Talvez, o prefaciador pudesse incluir entre estas, ainda, a *Crônica de D. Fernando*, de Martim Afonso de Melo, mais pelo valor que esta obra possui como fonte, em geral, das crônicas de Fernão Lopes.

Outro problema focado pelo prefaciador é o que se refere às idéias de Fernão Lopes no tocante à revolução empreendida pelo Mestre de Avis que se torna, depois, D. João I. Ressalta José H. Saraiva a importância de ter sido Fernão Lopes um homem do povo e ter vivido entre "gente que diretamente interviera nos acontecimentos" para melhor compreender a revolução. Fernão Lopes viu no povo o herói da revolução e acusou a nobreza de oportunista e corrupta: "com muito poucas exceções, são todos interesseiros, venais, completamente surdos à idéia de Pátria ou a qualquer outro sentimento nobre." (P. 19.)

A destacar, ainda, as notas de José H. Saraiva, em número de 2605,

com que explica todas as dificuldades resultantes do arcaísmo das palavras e das construções, e o índice-resumo que antecede o texto completo da *Crônica d'El-Rei D. João I* e que tem como finalidade colocar à disposição do leitor uma síntese dos 193 capítulos que compõem a obra. Ressalte-se, por fim, o esmero com que Saraiva preparou o texto, quer na adoção de sinais de pontuação, quer na substituição de palavras e expressões pelas equivalentes modernas, sem prejuízo do sentido, quer na preservação do texto naquilo que ele possui de vocábulos que desapareceram da língua e construções arcaicas.

Para concluir esta nota, acreditamos que esta edição da *Crônica d'El-Rei D. João I* interessa a um número bem maior de leitores e não apenas "ao povo português" como assinalou José H. Saraiva ao final da sua "Introdução à leitura de Fernão Lopes".

Almeida Garrett — *O Arco de Sant'Ana*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1977, 212 pp.

Trata-se de uma um exemplar, o de nº 148, da coleção "Livros de Bolso Europa-América", através da qual a editora portuguesa vem colocando ao alcance do grande público as principais obras dos mais renomados escritores da literatura universal, caso de Steinbeck, Kafka, Faulkner, Zola, Tolstol, Gorki, Jorge Amado, Machado de Assis, Ferreira de Castro, Camilo Castelo Branco, entre outros.

É a vez, agora, do poeta, romancista e teatrólogo Almeida Garrett, um dos introdutores, ao lado de Herculano e Castilho, do movimento romântico em Portugal.

O Arco de Sant'Ana é um romance histórico, inspirado na *Crônica d'El-Rei D. João I*, de Fernão Lopes, mais precisamente no capítulo em que se vê "D. Pedro, o Cru, açotando por suas mãos um mau bispo", como assinala o romancista na Introdução à primeira edição, aliás, incluída, nesta edição, como Apêndice, ao lado de outros comentários, prefácios, advertências e notas do A., enriquecendo sobremaneira o presente lançamento. A ação de *O Arco de Sant'Ana* transcorre na cidade do Porto, em pleno século XIV, evocando uma cena em que a autoridade eclesiástica, o bispo, de repreensível conduta incorre na hostilidade do povo.

O aparecimento do romance provocou uma intensa polémica, tendo sido Almeida Garrett acusado de, nele, defender as doutrinas enciclopedistas e de pretender com ele lançar o descrédito sobre a classe eclesiástica. Entretanto, parece-nos que, na origem dessas críticas, estavam sobretudo motivos de ordem política. Em uma das notas, inserida no Apêndice desta edição, percebe-se claramente que o A. não pretendeu ferir o catolicismo: "A mais Incontestável prova da divina instituição do catolicismo é resistir ele, como tantas vezes resistiu e continua a resistir, aos mortais golpes de seus maus amigos, de seus ambiciosos e interesseiros defensores" (p. 208).

A lamentar, na presente edição, a ausência de uma Introdução, breve que fosse, com a finalidade de trazer ao alcance do leitor não-especializado algumas informações acerca da vida política e revolucionária de Garrett, bem como da sua extensa obra. Por outro lado, ressalte-se a importância das notas de rodapé (com o expressivo número de 387), preparadas por Maria Leticia Dionísio, o que facilita, consideravelmente, a compreensão do texto.

Livro indispensável para os estudiosos e interessados na ficção portuguesa do Romancismo, *O Arco de Sant'Ana* se constitui em imprescindível e inadiável leitura.

Carlos Alberto Iannone